

LUGARES DE VER; LUGARES DE OLHAR: IDENTIDADE E FRONTEIRA SOCIAL NAS (IN)VISIBILIDADES DA IMAGEM

Marchiori Quadrado de Quevedo¹

Resumo

O presente texto tem por objetivo problematizar, à luz da Análise de Discurso de filiação pêcheuxtiana, uma famosa peça publicitária, cujo expediente reside em uma inversão da fotografia. Para tanto, mobiliza-se do dispositivo teórico a noção de lugar e de sujeito histórico.

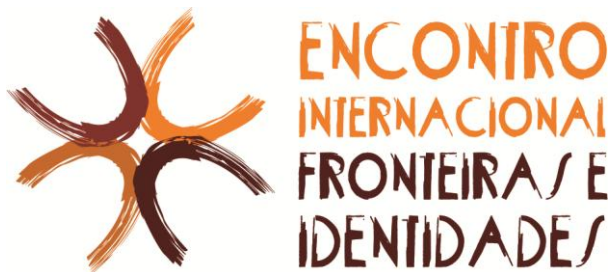
A imagem em uma perspectiva discursiva

Quando se fala no senso comum em *imagem*, a discussão parece restringir-se a imagens de dois tipos: as imagens que vemos mediante um artefacto cultural (uma charge ou uma foto, por exemplo), e as que se produzem, como representações, no nosso pensamento (a imagem que temos do povo, por exemplo). Se as segundas nos parecem bem contempladas na teoria da AD, a partir do conceito de *formações imaginárias*² – uma vez que uma representação desse tipo é um imaginário heteróclito cuja cada divisão objetiva é facilmente relacionada a uma posição-sujeito que a avaliza –, nas primeiras parece-nos ressoar qualquer resquício de neopositivismo.

Isso nos parece bastante evidente quando se considera que a imagem que vemos a partir de uma peça textual (uma foto, por exemplo) é fruto de um, como diria Pêcheux (1995), *consenso intersubjetivo*. Isto é, todos vemos a mesma imagem, embora produzamos *leituras* diferentes. Antes mesmo de discutirmos um gesto de interpretação de uma foto jornalística (e de sua reprodução em veículos de mídia do mundo inteiro), nosso objetivo é problematizarmos a partir das seguintes perguntas: de fato, vemos a *mesma imagem*? Admiti-lo não seria o mesmo que assumir, no que tange ao visual, o pressuposto de transparência que negamos à escrita?

¹ UCPel/IFSul, mestre e doutorando em Letras (UCPel), marchioriquevedo@gmail.com.

² O conceito de *formações imaginárias* relaciona-se aos lugares de uma dada formação social que determinam a imagem que o sujeito atribui a si e ao outro, a imagem que faz de seu próprio lugar e do lugar do outro. (Pêcheux, 1995)



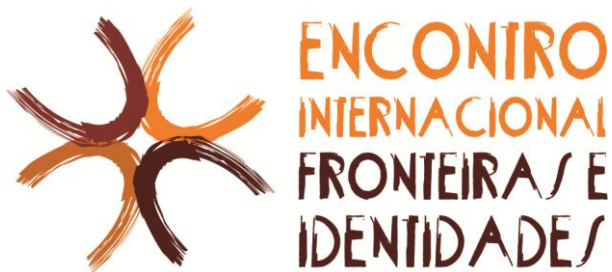
Para tal discussão, recorreremos à reflexão de Quevedo (2012), a partir da qual diferenciamos a imagem concreta, objeto de trocas sociais (fotografias, charges, ilustrações, pinturas etc.) – que chamamos imagem-OE (imagem-objeto empírico) – e a imagem historicamente significada, produzida pelo nosso olhar a partir dessa imagem empírica. Admitido esse ponto, consideramos rechaçado o mal disfarçado pressuposto neopositivista de uma imagem neutra anterior à divisão do trabalho de leitura, à qual se sobreporiam opacidades temporãs. O pressuposto de que partimos aqui é de uma divisão radicalmente constitutiva, realmente inscrita na objetividade material contraditória de todo produto do discurso (como o são as imagens), e de uma assunção da opacidade material que pretira, sob a alegação do consenso, a admissão de uma posição interpretativa.

Dito isso, cumpre observar que, quando vemos todos a mesma imagem (a foto de um automóvel, por exemplo), o consenso não está na existência do objeto fora do discurso (um humano sem contato com a “civilização” poderia ver outra coisa ou simplesmente não vê-lo). Está sim no nosso olhar, como gesto de interpretação que alude, na condição de objeto teórico da AD, não a um ato do indivíduo, mas a uma prática de significação e a um sujeito inscritos na história.

Assim sendo, o gesto de olhar – e mesmo o anterior, o de ver – é fundamentalmente um trabalho de leitura e, como tal, é realizado sempre por um sujeito histórico, atualizado no sujeito empírico/indivíduo, a partir de uma dada posição de interpretação e sob dadas condições de produção. Essa leitura mobiliza uma memória discursiva, a qual incide em um dado feixe de representações do Imaginário. Conforme Pêcheux, a memória discursiva é o que,

face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (1999, p. 52).

A imagem não apenas funciona, conforme afirma Pêcheux, como “um operador de memória social, comportando no interior dela mesma um programa de leitura, um percurso escrito discursivamente em outro lugar” (1999, p. 51), mas também como uma materialidade que deve ser desconstruída em sua *naturalização* mediante esse investimento de significação que Mariani chamou um “trabalho de leitura” (*apud* FONSECA, 2008, p. 6).



No sintagma utilizado pela autora, reverbera a posição materialista, a partir da qual a palavra *trabalho* remonta à (re)produção/transformação de um Imaginário. Nesse ponto, a positiva ambiguidade de *imagem* se nos revela produtiva, visto que assumem um só corpo material, na casa de espelhos de sua equivocidade, a imagem como objeto empírico, a imagem como leitura e a imagem como representação simbólica.

Assim sendo, não pode(ria) ser nosso objeto analítico a imagem empírica, produto das trocas sociais, sob pena de adentrarmos áreas outras. Essa importa às ciências da forma ou à sociologia, por exemplo. Em uma perspectiva discursiva, parece-nos importar a materialidade (no caso, visual) do sentido, para o que concorre nosso gesto de análise a partir de procedimentos que interpretem a relação do sujeito, leitor ou analista, com a imagem como acontecimento a ser lido (visto). O que doravante chamaremos imagem é, incontornavelmente, um trabalho/investimento de significação sempre sobreposto à imagem-OE.

Tendo tal por escopo, o dispositivo teórico-analítico deve atravessar a imagem em sua opacidade historicizad(or)a, reparando-a³ em seu trajeto de leitura; na memória em que se estabelece para aquela imagem-texto a condição do legível (visível) em relação ao próprio legível (visível). Resta assim inadmissível postular que todos vejamos a mesma imagem em lugar de considerar que, algumas ou muitas vezes, estamos todos sujeitos ao mesmo trabalho de leitura. Somos atualizações, em forte relação parafrástica, de uma forma-sujeito histórica.

A imagem empírica é, para a imagem, não só esse objeto de troca social senão também o produto de uma operação de textualização, a qual, como recordamos a partir de Orlandi (2005), é condição *sine qua non* para a circulação dos discursos. Malgrado, em seu âmbito discursivo, a imagem seja tecida em sua opacidade e equivocidade pelo apagamento das suas condições de produção, a imagem na condição de um efeito-texto submete-se aos mesmos efeitos a que se submete o texto verbal. Assim, também a imagem se nos apresenta sob o efeito de completude, de fechamento, de coerência, de transparência, de inequivocidade etc.

Gerada e gerida discursivamente, devemos admitir que o que a imagem “mostra”, o seu “visível”, não lhe é intrínseco, mas sim (sobre)determinado pela formação discursiva a partir da qual o sujeito histórico a produz. Se a Formação Discursiva (FD) “determina o que

³ Reparar, em oposição a ver e a olhar, conforme desenvolvido em Quevedo (2012).



pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1995, p. 160), por extensão devemos admitir que ela também determina o que pode e deve ser visto, e isso só significa pelo confronto com a presença-ausente do que ali não está, do que não pode ser visto. O que vemos funciona pelo que concorda com o que podemos ver, pelo que opõe ao que não podemos e pelo que em cujo lugar está.

Longe de ser um enquadramento consensual ou mesmo pacífico do olhar, uma imagem é produzida, antes de mais nada, a partir da projeção em um suporte textual de um olhar sobredeterminado, que busca administrar (ainda que em um processo falível) – a um outro olhar, outro sujeito –, essa tensa zona de (in)visibilidades. O que entendemos próprio ao dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso – e aquilo a que nos propomos neste trabalho – é produzir um gesto de análise que objetive desnaturalizar a superposição da imagem à imagem-OE, desacomodando assim esse jogo de sentidos.

A concepção de imagem aqui desenvolvida nos parece atender aos princípios da Análise de Discurso uma vez que convoca o sujeito (em sua acepção histórica, discursiva) à produção da imagem, sendo-lhe radicalmente constitutivo. Se, em termos empíricos ou nos alhures teóricos, podemos postular um sujeito individual ou social que recebe uma imagem, não nos parece ser este o objeto da análise de discurso. A imagem nunca é exterior ao sujeito, mas sim a materialidade de um jogo de sentidos entre os lugares dos sujeitos colocados em A e em B, o produto discursivo de uma relação de forças entre esses lugares.

Para tanto, buscaremos, a partir de uma foto jornalística e de sua reprodução em jornais do mundo inteiro, analisar-lhe a materialidade, construindo o dispositivo teórico-analítico a partir da Análise de Discurso, para virmos a ocupar uma outra posição de leitura que não a prevista/determinada pelo sujeito produtor. Pretendemos, dessarte, reconhecer o gesto de interpretação administrado a partir do lugar que enuncia na posição de produtor da foto, mas não nele estacionar. Nosso objetivo maior é o de produzir um outro gesto de interpretação; um outro jogo de visibilidades. Uma outra possibilidade de significação que esse objeto textual, por meio de nosso dispositivo de interpretação, suporta.

Uma peça premiada

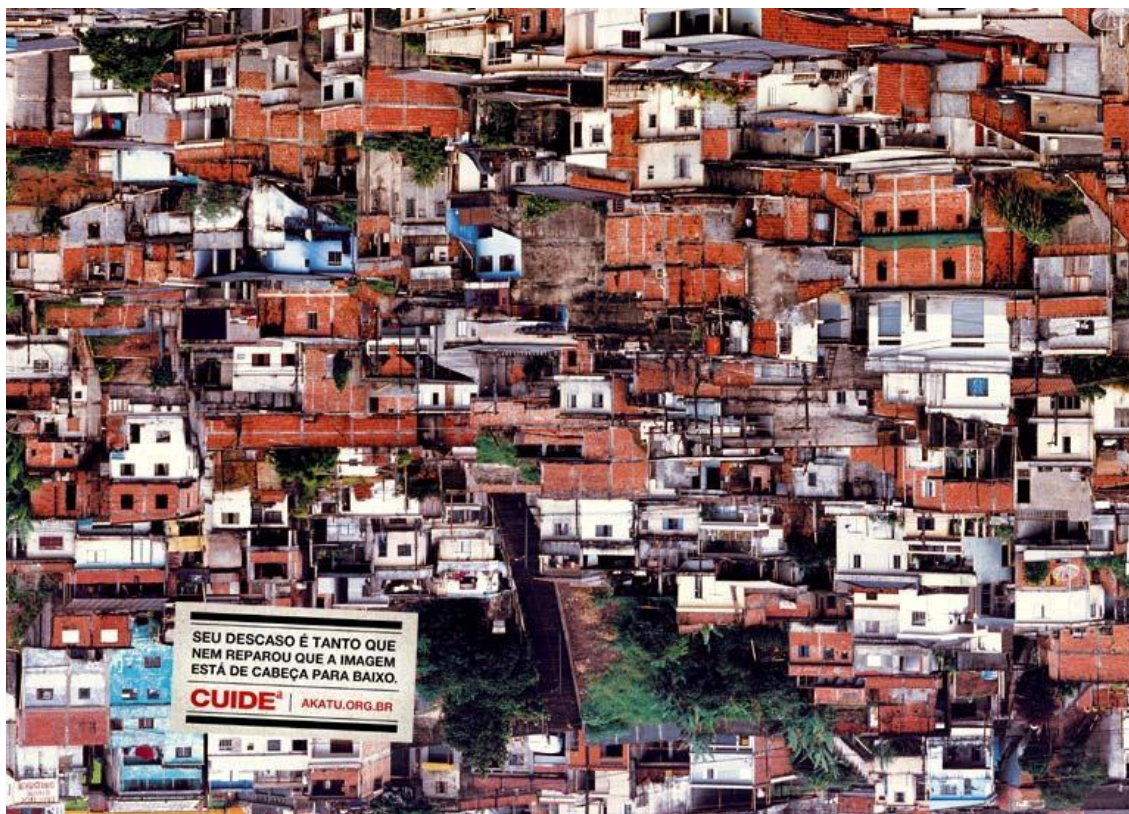


Figura 1 – Favela, do Instituto Akatu

Essa peça publicitária brasileira, denominada “Favela”, foi a ganhadora do prêmio Leão de Ouro, no importante Festival de Cannes 2004. A peça notabiliza-se pelo texto denunciando o *descaso* do olhar que não percebe a inversão da foto de fundo. Em “Favela”, a favela está invertida verticalmente, o que podemos facilmente perceber ao manipularmos a imagem. A aposta no não reconhecimento dessa inversão é o mote lúdico da propaganda, mas também nos permite algumas considerações de outra ordem.

Conforme desenvolvido em Quevedo (2012), a administração da leitura do visual recorre a diversos expedientes; no caso em tela, dá-se pelo verbal. A sobreposição do texto verbal, que notaremos como SD1⁴, ao visual, SD2, administra a leitura deste, com um objetivo muito preciso: ao trazer a lume a inversão antes negligenciada pelo olhar, traz a lume igualmente o distanciamento desse olhar.

⁴ Ainda consoante Quevedo (2012), tomaremos a notação SD ou “secção discursiva”, para referirmo-nos ao componente do texto destacado para servir de ponto de partida à análise.



Isso posto, o efeito que temos é o de uma *denúncia social*, haja vista uma, conforme os termos pêncheuxtianos, antecipação de posição leitor como pertencente a uma classe social diferente da classe que mora em lugares como o retratado. A aposta nesse olhar pouco atento o explica, pelo funcionamento de significação de SD1, como previamente desinteressado, alheio ou, mesmo, pertencente a uma alteridade insensível, alçada a objeto da propaganda.

Nesse ponto, o item lexical “descaso” cumpre fundamental papel, pois a memória discursiva que o termo mobiliza acentua a fronteira entre as classes sociais. No entanto, se, nos alhures teóricos, *fronteira* funciona como um limite, uma divisão, em *Análise de Discurso*, ela é tomada como lugar de encontro. No caso do texto que ora analisamos, é a mesma fronteira no olhar que se situa na divisão de classes, mas que, sendo sítio dessa divisão, depara uma com a outra.

Esse ponto parece-nos importante, porque o sucesso da propaganda só foi possível à medida que tal fronteira (e a divisão ou luta de classes que nela tem lugar) tenha sido evidenciada ao olhar no qual anteriormente ela funcionava sem causar espécie, sem chamar à atenção. É este sujeito histórico inconscientemente distante da favela que tem, em seu olhar, essa fronteira construída pela naturalização e pela conseqüente invisibilidade do outro.

Žižek (2010) aborda que uma sociedade, para funcionar, necessita de uma fantasia ideológica de um funcionamento orgânico, de um todo, ainda que esse todo só possa existir, nas condições em que existe, por relações de radical exclusão. No esteio desse raciocínio, o sujeito histórico instalado no lado de maior poder produz a imagem de um sujeito abstrato (o sujeito dessa sociedade para todos) à semelhança da imagem que tem de si mesmo, como se fora a medida e, em certo sentido, a única possibilidade de representação. Todavia, como bem alerta Santos,

O clima geral das revisões [de como entendemos as identidades] é que o processo histórico de descontextualização das identidades e de universalização das práticas sociais é muito menos homogêneo e inequívoco do que antes se pensou, já que com ele concorrem velhos e novos processos de recontextualização e de particularização das identidades e das práticas (1993, p. 40).

No processo dinâmico de como os diferentes sujeitos históricos se veem – e, assim, também do que veem –, suas práticas sociais, ideológicas, discursivas vão continuamente coligindo e reproduzindo as evidências produzidas pelo seu lugar (social, ideológico, etc.) a partir do que se lhes oferta aos olhos. É esse encapsulamento de identidades, práticas e olhares



ocupantes de um lugar bastante específico no todo social (malgrado se pretendam *universais* ou *a sociedade*) que permite ao olhar descansar de ver.

Considerações finais

Nosso objetivo foi o de discutir o estatuto de imagem em Análise de Discurso. Se nos parece essencial entendermos que os princípios e procedimentos da teoria não podem ser preteridos por uma concepção de leitura como decodificação/recepção de um sentido, também nos parece essencial assumir radicalmente que o conceito de texto, mormente o de texto visual, não tenha, no interior dos estudos em AD, reverberações de uma posição neopositivista que pressuponha uma condição de legibilidade que apele à transparência.

Se, a partir de Pêcheux (1995), entendemos que todo sentido advém de um lugar ideológico – que determina o que pode e deve ser dito a um dado sujeito histórico –, materializado na fala dos sujeitos individuais, estendemos tal pressuposto ao olhar, que, reconhecendo as evidências do discurso que o constitui, produz, a partir da mesma imagem empírica, uma leitura radicalmente diferente da de outro sujeito histórico.

Em “Favela”, a esperada não percepção da inversão é a aposta publicitária na materialidade de um investimento ideológico que, reconhecendo ou não como suas as representações que se lhe ofertam à visão, se situa em um sempre parametrizado jogo de (in)visibilidades com o qual a dessimetria das relações sociais constitui identidades, via discurso, e se organiza politicamente por fronteiras (no caso, de classe), tanto mais eficientes para a fantasia ideológica de um todo social (Žižek, 2010) quanto menos visíveis as coordenadas simbólicas que a constituem.

Referências Bibliográficas

ERNST-PEREIRA, Aracy. *A falta, o excesso e o estranhamento*. Seminário de Estudos em Análise do Discurso. UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.discurso.ufrgs.br/anaisdosead/4SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnstPereira.pdf>> Acesso em: 12 de junho de 2012.

FONSECA, Rodrigo. *Imagens do compromisso e da realização: que discurso é esse*. Anais Celsul, 2008. Disponível em:



<http://www.celsul.org.br/Encontros/08/imagens_do_compromisso.pdf> Acesso em: 12 de junho de 2012.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

_____. *Discurso e texto: Formulação e circulação dos sentidos*. 2.ed. Campinas: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. *Ler o arquivo hoje*. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Gestos de Leitura: da história no discurso*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1982.

_____. *Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. de Eni P. Orlandi (et al.). 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

_____. *Papel da memória*. In: ACHARD, Pierre (et al.). *Papel da memória*. Trad. de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

SANTOS, Boaventura de Souza. “Modernidade, identidade e cultura de fronteira”. *Revista Tempo Social*. São Paulo: USP, n.5, 1993, pp. 31-52.

SERRANI, Silvana. *A linguagem na pesquisa sociocultural: um estudo da repetição na discursividade*. Campinas, SP: ed. da Unicamp, 1993.

QUEVEDO, Marchiori Quadrado de. *Do gesto de reparar a(à) gestão dos sentidos: um exercício de análise da imagem com base na Análise de Discurso*. Pelotas: Universidade Católica de Pelotas, 2012. Dissertação (Mestrado em Letras, Curso de Letras, Universidade Católica de Pelotas, 2012).

ŽIŽEK, Slavoj. *Como ler Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.